



ÁREA TEMÁTICA: Família e Género

Trabalho, família e género

MACIEL, Diana

Pós-graduação em Família e sociedade

CIES/ISCTE

diana.maciел@iscte.pt

MARQUES, Cristina

Mestrado em Família e sociedade

CIES/ISCTE

ana.c.marques@iscte.pt

TORRES, Anália

Doutoramento

ISCTE

analia.torres@iscte.pt

Resumo

O Objectivo da apresentação é o de dar a conhecer os principais resultados do projecto “Trabalho, família, Género e Políticas sociais, numa perspectiva comparada”, em que pretendemos relacionar variadas vertentes da realidade social. Como sejam nomeadamente a parentalidade, a conjugalidade, o trabalho, a relação trabalho/família e a divisão das tarefas domésticas. Com as transformações sociais, económicas, culturais e valorativas que a sociedade tem sofrido nas últimas décadas questionamo-nos sobre a forma como os indivíduos, hoje em dia, sentem a sua conjugalidade e a sua parentalidade, de que forma se relacionam, como estes dois planos da vida interpenetram na realidade profissional e que influência esta última tem nas primeiras; e de que forma essa relação trabalho/família molda a divisão das tarefas domésticas.

Embora, a pesquisa tenha uma vertente quantitativa fundamental, que se debruça sobre os diversos países da Europa, nesta apresentação vamos centrar-nos, sobretudo, na sua vertente qualitativa; apresentando alguns dos resultados obtidos com as entrevistas realizadas em Lisboa, Porto e Leiria, a casais com filhos, de diferentes classes sociais e de diferentes durações de casamento.

Palavras-chave: Família, Trabalho, Conjugalidade, Parentalidade, Género





1. Introdução

A comunicação pretende dar conta dos resultados obtidos na investigação "*Trabalho, Família, Igualdade de Género e Políticas Sociais: transformações europeias numa perspectiva comparada*", coordenada pela Professora Doutora Anália Torres, realizada no CIES/ISCTE, financiada através de concurso público pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. A pesquisa teve como principal objectivo compreender e explicar as transformações ocorridas em Portugal e na Europa nos últimos anos, no que diz respeito à articulação entre trabalho, família, igualdade de género e políticas sociais. Contudo, esta comunicação debruça-se apenas

Nesta comunicação foca-se o olhar sobre 4 dimensões essenciais para tentar explicar a gestão que os indivíduos fazem da sua vida profissional e familiar. São elas: a conjugalidade, a parentalidade, o trabalho e a divisão das tarefas domésticas. Nestas diferentes dimensões é possível encontrar pistas que ajudam a clarificar algumas questões.

No que diz respeito à definição, selecção e operacionalização das estratégias metodológicas de recolha e análise da informação, privilegiou-se a combinação de várias técnicas, no sentido de possibilitar uma complementaridade entre a análise quantitativa e extensiva com a qualitativa e intensiva. Deste modo, desenhou-se como fundamental a realização de entrevistas em profundidade e o recurso à análise de bases de dados existentes (análises secundárias sistemáticas). Perante este panorama mais geral a nível nacional, e no enquadramento da pesquisa a nível europeu, conseguimos assim uma explicação da relação entre trabalho, cuidados com as crianças e igualdade de género numa perspectiva diversificada ao nível regional e europeu. Contudo, nesta comunicação iremos incidir apenas sobre os resultados obtidos através da realização das entrevistas.

Foram realizadas entrevistas em profundidade a 83 casais (os dois membros de cada casal, homens e mulheres) com pelo menos um filho, num total de 166 indivíduos, 72 na Grande Lisboa, 54 no Grande Porto e 40 em Leiria, distribuídos pelas diferentes durações de casamento e pertenças sociais. O quadro1 ilustra a distribuição dos casais entrevistados.

Quadro 1 – Distribuição dos casais entrevistados

Região	Duração da relação	Grupo Socioprofissional			Total
		OP	PTE	Subtotal	
Porto	Menos de 10	3	5	8	27
	10 a 20	2	6	8	
	Mais de 20	3	8	11	
Leiria	Menos de 10	2	4	6	20
	10 a 20	2	6	8	
	Mais de 20	2	4	6	
Lisboa	Menos de 10	5	8	13	36
	10 a 20	3	8	11	
	Mais de 20	5	7	12	
Total (Porto + Leiria + Lisboa)					83

Nota: OP: grupos domésticos Operários; PTE: grupos domésticos Profissionais Técnicos e de Enquadramento



A análise das diversas dimensões permitiu aferir a organização interna e externa da divisão do trabalho entre os cônjuges, nas representações sobre o trabalho profissional, o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos. Foi ainda possível perceber como era realizada a interacção entre os cônjuges quanto às formas de conjugalidade e à dinâmica da relação conjugal, a partir de um conjunto de perguntas referentes a tipos de avaliação por parte dos entrevistados. Tratava-se aí, entre outros aspectos, das diferentes fases ao longo do casamento, dos momentos considerados marcantes, positivos e negativos, das mudanças de práticas e atitudes realizadas depois do casamento com vista a captar aspectos da identidade pessoal e social; dos desejos, aspirações e expectativas de mudança nos diferentes domínios da vida social e conjugal; da comunicação, dos aborrecimentos e conflitos; do suporte emocional ao desempenho parental e relação com familiares e amigos; das saídas e actividades desenvolvidas de forma individual e com o cônjuge.

Vira-se agora a atenção para as dimensões da conjugalidade, da parentalidade, do trabalho e da divisão das tarefas domésticas, procurando pois perceber de que modo os indivíduos entrevistados fazem face à necessidade de articular trabalho e família. Passa-se de seguida para a apresentação de três modos de articulação do trabalho e da vida familiar, para finalizar com uma síntese das ideias mais significativas apresentadas na pesquisa.

2. Conjugalidade

Existe uma multiplicidade de sentimentos perante a vida a dois, colocados num continuum desde um extremo em que o indivíduo sente que vive em amor, em que partilham e negociam, em que têm um quotidiano conjugal e familiar mas em que também se resguarda o espaço identitário do outro, até ao pólo oposto em que o indivíduo se sente esmagado perante a dificuldade e o peso de se viver a dois, com uma sobrecarga de trabalho, de responsabilidades ou com a invasão do seu espaço e tempo pessoal e individualizado. E estas formas de perceber a conjugalidade não são rígidas ao longo de toda uma relação, são conjunturais e demarcadas no tempo, isto porque tal como refere Lalanda (2005) o significado que a família, ou neste caso, o casal, assume para o indivíduo é variável, visto tratar-se de uma realidade relacional, dinâmica e possuidora de ciclos circunscritos numa realidade social e cultural (Kauffman, 1993, 2002; Torres, 2000a, 2002a, 2002b).

O modo como o indivíduo sente e percebe a conjugalidade influi no modo como a vivem. Isto é, se a vêm de forma positiva, se sentem a partilha, o amor, o companheirismo que os une, tendem a querer consolidar e fortalecer a relação, ao viver momentos a dois e desejar vivê-los, muitos desejando inclusive mais tempo com o cônjuge, tempo de qualidade a dois.

“Os benefícios do casamento era termos uma vida a dois mais completa, quando se gosta de uma pessoa e se quer casar com ela, é óbvio que se quer passar mais tempo com ela e partilhar mais coisas, nesse sentido é mais estável. (...) Uma pessoa passa a desejar não só ser feliz, mas também em fazer e ver o outro feliz.” (Jorge Madeira, 42 anos, professor universitário, Lisboa)

Enquanto que os indivíduos que sentem a sua liberdade condicionada ou saturada com as responsabilidades profissionais, familiares e parentais, mais facilmente expressam necessidade de ter o seu tempo e o seu espaço, desejando ter mais tempo para si, o que não invalida o desejo simultâneo, nalguns casos, de continuarem a passar muito tempo com o cônjuge e a família.

“Hoje já não sou uma pessoa que pode decidir ir passar um fim-de-semana aqui ou ali, porque a pessoa quando está casada e tem família não pode pensar como um indivíduo, tem que pensar como família. [...] A responsabilidade também mudou, eu quando era solteiro pensava apenas no imediato, não tinha



responsabilidades com ninguém, isso mudou com o casamento.” (Guilherme Nogueira, 39 anos, empresário, Lisboa)

Contudo, os indivíduos que se vêm numa relação conflituosa ou problemática, com um conflito declarado ou latente, afirmam não querer mais tempo conjugal, sendo tanto melhor quanto menos existir.

“Acho que sim, acho que se eu não fosse casada que vivia bem melhor. Condiciona muito a liberdade e essas coisas assim. Pronto, enquanto se é solteiro faz-se assim um coiso diferente, muitos projectos, muita coisa, depois a gente casa-se, se tem alguém ao lado consegue seguir, é isso que eu penso, se não tem ninguém, se a gente puxa para a frente o outro puxa para trás nunca chega a lado nenhum, é o que acontece aqui, puxa um para cada lado”. (Armanda Serra, 46 anos, empregada doméstica, Leiria)

Isto também devido às influências que efectivamente existem entre a percepção em relação à conjugalidade e a construção identitária do indivíduo. Os que sentem viver em amor, numa visão mais profunda ou mais atenuada, sentem-se, desde o início da vida a dois, mais calmos, realizados e felizes, logo o desejar maior presença e convívio no quotidiano é um reforçar dessa identidade positiva. Os indivíduos em relação difícil tendencialmente revelam-se mais nervosos e deprimidos, logo um maior contacto entre os cônjuges seria o prolongar de uma dor e um sofrimento. No entanto, os indivíduos que se caracterizam por um cansaço em relação ao casamento, devido à sobrecarga de trabalho ou o indivíduo que se viu limitado na sua liberdade individual, apesar de desejar mais algum tempo para si, não tem necessariamente uma consequência negativa na sua construção identitária. Isto porque geralmente, sendo uma percepção conjuntural, têm noção de que é uma fase e que vai ser ultrapassada e que este esforço demarcado no tempo é um sacrifício que vai valer a pena.

Assim, o género desempenhou um importante peso diferenciador entre percepções, uma vez que ainda hoje homens e mulheres desempenham diferentes papéis no seio da vida conjugal e familiar (Kauffman, 1993; Singly, 1987, 1996, 2000; Torres, 2000a, 2000b, 2002a, 2002b). Desta forma, as mulheres polarizam-se mais na sua representação da vida a dois. Foram elas, profissionais intelectuais e científicas, que esmagadoramente se definiram enquanto vivenciando uma forma de vida em amor, na sua vertente mais marcada e profunda, para quem o amor se tornou o sustento da relação, tal como defendido na modernidade (Singly, 1996, 2000; Beck, Giddens e Lash, 2000; Torres, 2002a, 2002b; Aboim, 2005).

“Os aspectos mais positivos (pausa) é viver em amor, é ter a noção que somos amados todos os dias por pequeninas coisas [...] ser amada que é muito bom e depois ser mãe e ser pai, foi uma coisa que nos dois despertou assim uma coisa muito intensa pela positiva. São os dois aspectos, portanto, o amor e o Guilherme, são os dois aspectos mais importantes” (Helena Gomes, 29 anos, socióloga – desempregada, Porto)

Apenas a forma mais atenuada é partilhada pelos homens, aqui de forma equilibrada com as mulheres, sendo que é mais comum nos operários casados há menos de dez anos, o que indicia uma desinstitucionalização da sua percepção da conjugalidade, em que o amor começa a ganhar importância; nos profissionais técnicos e de enquadramento menos qualificados com duração de casamento entre dez a vinte anos e nos mais qualificados casados há mais de vinte anos, que reflectem a relação entre uma maior modernização em relação aos operários, uma vez que foram impregnados mais precocemente pelas transformações culturais e valorativas da modernidade e por uma atenuação do sentimento de amor e paixão com o avançar da relação nas suas fases conjugais (Kauffman, 1993; Torres, 2000b, 2002b).

Também foram esmagadoramente mulheres, e mais uma vez as mais qualificadas, que se mostraram saturadas e sufocadas com o que a vida conjugal implica: as responsabilidades profissionais, conjugais e familiares, sendo aqui importante para explicar este cariz crítico a maior exigência e maiores expectativas por parte das mulheres licenciadas de uma maior igualdade e paridade no trabalho não pago, que não se efectivou, ou pelo menos não na dimensão que esperavam.

“...Quando veio o meu primeiro filho foi um golpe muito grande para mim. [...] E eu sei que corria muito de manhã, as noites mal passadas, no outro dia tinha que ir e depois são sempre os primeiros anos que nós



temos piores na nossa profissão [...]. Custou-me muito essa parte. Pronto, era muito cansativo. [...] Parece que temos aquele encargo e para mim era um peso muito grande". (Regina Ramalho, 56 anos, professora do ensino básico – em processo de reforma, Leiria)

Mais uma vez os homens, transversal no que considera à classe social, surgem na versão atenuada deste sentimento, em que sentem que a vida em casal lhes retirou liberdade de acção, de decisão e financeira: *"Estava habituado a um ritmo muito grande, em termos de saídas, e isso custou-me bastante, mas fui-me adaptando, com o passar do tempo, como é normal... Tentei assumir as responsabilidades totais do casamento" (Diniz Gouveia, 42 anos, corticeiro, Porto).*

O sentimento de anulação de si numa relação conflituosa, possessiva e problemática constitui uma excepção, encarando a união como algo a ser mantido mesmo que em detrimento da sua vontade e do seu processo identitário.

De referir apenas que, conjuntamente com percepções mais atenuadas da vida em casal, os homens tendencialmente também referem menos reconstruções identitárias com o casamento, talvez por o seu processo identitário ser mais independente da família e mais dependente do campo profissional (Giddens, 1993), enquanto que no caso da mulher a sua construção identitária e o seu percurso pessoal é marcadamente definido pela sua trajectória familiar (Singly, 1987, 1993, 1996, 2000; Giddens, 1993).

3. Parentalidade

O desejo de ter filhos está presente para homens e para mulheres, o que vai ao encontro do resultado de várias pesquisas que mostram a centralidade da parentalidade nos dias de hoje (Beck e Beck-Gernsheim, 1995; Théry, 1998; A. N. Almeida, 2003; Cunha, 2007). Os filhos parecem ser de extrema importância para os indivíduos. Estes são as coisas mais importantes do mundo, o que de mais maravilhoso se tem, uma continuação do eu e/ou do casal: *"É a concretização de uma coisa maravilhosa que faz parte da vida. Estamos cá para isso mesmo, é inevitável [...]. Não tem explicação é só sentida." (Daniel Fernandes, 31 anos, professor, Lisboa).*

Mas o nascimento dos filhos implica uma alteração de rotinas, um aumento de responsabilidades, uma diminuição do tempo do casal um para o outro, podendo levar a tensões no casal e a que o cônjuge seja remetido para segundo plano: *"Claro que modifica muito a nossa vida. Tanto a nível de responsabilidades, obrigações, prisões... É a maior mudança na nossa vida é o nascimento de um filho." (Joaquim Machado, 38 anos, profissional de seguros, Lisboa).* Ao nível do trabalho as mulheres, menos qualificadas entre as profissionais técnicas e de enquadramento, podem ter que fazer um desinvestimento momentâneo na carreira. Ficam em "stand-by" (Torres, 2004; Torres e Moura, 2004), com a perspectiva de mais tarde ter disponibilidade para retomar o investimento na carreira.

O discurso dos entrevistados parece demonstrar que os homens estão a cuidar mais dos filhos tal como apontam pesquisas realizadas neste âmbito (Wall e Arnold, 2007), sendo que alguns dizem mesmo conseguir educar tão bem como as mães: *"Eu tento fazer a mesma coisa que a minha mulher faz. Não tenho problema nenhum, eu sempre mudei as fraldas aos miúdos, dar banhos..." (Manuel Carvalho, 35 anos, operário, Leiria).* Contudo parece manter-se uma "hiper-responsabilização" (Torres, 2004) da mulher pelos filhos. A maternidade aparece como uma questão central para a vida das mulheres, na medida em que parece implicar uma associação destas à casa. O facto de lhes ser atribuída a responsabilidade pelo cuidado dos filhos pequenos, questão que é fortemente naturalizada, parece levar a que estas estejam mais disponíveis para a casa: *"Eu acho que as mães interferem sempre mais [...]. No fundo a mãe é sempre a mãe, não é?" (Júlia Jesus, 44 anos, doméstica, Leiria).*

No mesmo sentido, nos discursos de homens e mulheres, está muito patente a menor disponibilidade dos homens para a casa, o que se pode traduzir num certo sentimento de perda quando eles expressam o



desejo de terem ou terem tido maior disponibilidade para a família: “[Desejo de mudança]Ter mais tempo para estar com a família... neste momento era só isso” (Marco Ferreira, 34 anos, motorista, Porto); “Gostava de poder chegar a casa mais cedo, estar com os miúdos, ainda ir ao café... Não chegar tão cansado...” (Diniz Gouveia, 42 anos, corticeiro, Porto). Assim, mesmo quando o maior envolvimento do homem no cuidado dos filhos é desejado, a manutenção de contextos educativos e normas culturais diferenciados para homens e mulheres (Castelain-Meunier, 2002) “empurra” os homens mais para fora de casa, “aprisionando” as mulheres no seu interior.

Relativamente à parentalidade foram criados três modelos que nos dão conta das posições dos entrevistados perante o exercício da maternidade e da paternidade e dos seus significados. Assim, temos o modelo autoritário, caracterizado por ser o mais tradicionalista, podendo mesmo traduzir uma divisão sexual tradicional do trabalho doméstico, ficando elas em casa a tomar conta dos filhos, enquanto eles trabalham no exterior para prover a família. Neste contexto, os homens tendem a ser mais autoritários, são eles que impõem as regras, é a eles que os filhos têm mais respeito. Já que elas tendem a mimar mais os seus filhos, não conseguindo impor a mesma autoridade que o pai: *Eu, por norma, sou mais rígido na educação. As mães, por norma, têm a tendência de tolerar, tolerar, tolerar, e isso faz com que muitas das vezes eles não respeitem tanto a mãe como o pai.*” (Diniz Gouveia, 42 anos, corticeiro, Porto); os indivíduos que pertencem a este modelo são uma minoria entre os entrevistados, estando presente, sobretudo, entre os indivíduos com mais de 20 anos de duração de casamento, operários, residentes na região do Porto, mas também em Leiria.

Por seu turno, o modelo maternalista remete para a grande importância que a mãe tem no cuidado com os filhos, entre estes casais. Neste grupo, ambos os indivíduos trabalham, mas elas tendem a estar mais disponíveis para cuidar das crianças. Acredita-se, também, que elas têm uma maior sensibilidade para esta tarefa: *“Eu sempre tive um bocadinho mais a educação delas sobre a minha alçada porque eu sempre tive um pouco mais de tempo, lá está aquela coisa de carácter feminino que nós conseguimos sempre arranjar mais tempo para determinadas tarefas”* (Daniela Correia, 38 anos, supervisora de vendas numa companhia aérea, desempregada, Porto).

Estes casais procuram transmitir valores aos seus filhos, mas também acompanhá-los, orientá-los, ajudá-los. Os maternalistas correspondem à maior parte dos entrevistados, distribuindo-se pelas diferentes regiões, durações de casamento e classes sociais.

Por fim, no modelo relacional os casais tendem a partilhar a educação dos filhos e as decisões são tomadas a dois. Procura-se acima de tudo encaminhar os filhos, dotá-los de ferramentas, para que estes se transformem em adultos autónomos e independentes; para que sejam seres humanos com valores. Os pais tentam dar o exemplo aos filhos e proporcionar-lhes as melhores condições, mas são eles que escolhem o seu caminho: *“É dar aos nossos filhos, dotá-los de ferramentas, dar-lhes a cana de pesca para eles mais tarde irem pescar sozinhos.”* (Eva, 38 anos, professora do ensino especial, Lisboa). Os relacionais são essencialmente os indivíduos mais qualificados, embora existam entre alguns operários, residentes em Leiria e Lisboa; apesar de serem mais do que os autoritários, não constituem, contudo, a maior parte dos indivíduos.

4. Trabalho

No que ao trabalho diz respeito, foi considerado enquanto um aspecto central da vida dos indivíduos, tal como referido por diversas pesquisas (Kóvacs, 2002; Torres, 2004; Casaca, 2005; Torres e Moura, 2004; Torres et al, 2004, 2006; Crompton, 2006; Carvalho da Silva, 2007). Homens como as mulheres, das várias gerações, regiões e posições sociais, valorizam o desempenho de uma actividade profissional: *“É aquilo que eu gosto de fazer, é muito importante até pela minha própria boa vontade pessoal, sinto-me bem comigo mesma”* (Clarisse, 29 anos, psicóloga, Porto).



No entanto, os entrevistados mais qualificados falam em realização pessoal, o que denota a importância da actividade profissional para a construção da sua identidade pessoal: *“Sinto-me muito realizada, foi sempre o que quis. E gosto muito do que faço”* (Raquel, 32 anos, professora 1º ciclo, Lisboa). Neste sentido, os indivíduos, com maior duração de casamento, deste sector profissional, fazem referência a um forte sentimento de satisfação com o trabalho, não só profissional, como também pessoal, dando conta de um percurso escolhido e construído: de um projecto realizado: *“Gosto bastante. Foi a profissão que eu escolhi e foi a carreira que eu construí.”* (Alfredo Abreu, 56 anos, professor universitário, Porto). Mas, se os entrevistados dos sectores mais qualificados falam de realização pessoal, as mulheres operárias, operárias fabris ou empregadas domésticas, na maioria dos casos, sentem-se satisfeitas com os seus trabalhos, mesmo quando estes são pesados.

“À, o trabalho é o que faz uma pessoa andar viva, se não fosse o trabalho o que é que uma pessoa tinha? Nada, então. Deus me livre, então já tinha morrido! Sem trabalho e com a vida que tenho tido, Deus me livre, então o trabalho é um escape.” (Armanda Serra, 46 anos, empregada doméstica, Leiria)

O trabalho do cônjuge é, geralmente, aceite, quer por homens, quer por mulheres. É assim que os homens referem respeitar o trabalho da sua esposa, apoiando-as quando estas estão desempregadas e expressando o desejo que estas encontrem um trabalho que as realize: *“É uma preocupação ela estar desempregada e vê-la preocupada com isso.”* (Alexandre Gomes, 33 anos, técnico empresarial, Porto). Entre os entrevistados, existe assim uma aceitação generalizada do trabalho das mulheres, o que vai de encontro aos referido por Torres (2004) e André e Feio (2000) sobre a importância cultural do trabalho em Portugal e da perda de influência da ideologia da domesticidade: *“É extremamente profissional, muito trabalhadora e dedicada, é uma pessoa de grande integridade em termos profissionais.”* (Duarte Ventura, 62 anos, engenheiro civil, Lisboa). Mesmo assim, é patente a existência de uma minoria de entrevistados defensores de uma divisão tradicional do trabalho, com o homem provedor de família e a mulher doméstica. Estes são, sobretudo, homens, com mais de 10 anos de duração de casamento, do Porto e de Leiria, operários ou profissionais técnicos e de enquadramento menos qualificados.

“Na profissão dela? Bem, gostaria que ela estivesse em casa, não trabalhasse, mas é preciso haver oportunidades para isso, não é? Se eu pudesse que ela estivesse em casa e não trabalhasse era melhor, mas ela própria também não queria, porque ela gosta de trabalhar, não é?” (Victor Freire, 59 anos, bancário, Leiria)

Indo de encontro ao resultado de outras pesquisa (André e Feio, 2000; Casaca, 2005; Crompton, 2006), os entrevistados revelaram também sinais de alguma precariedade. Existiam, assim, indivíduos insatisfeitos com o seu trabalho actual e/ou com o seu percurso profissional: com receio de mudar de trabalho, sentem que o estado actual do país é difícil no que toca ao mercado de trabalho, que o seu sector de actividade se encontra em crise ou que, actualmente, se confronta com vários problemas. As situações de precariedade faziam-se sentir, sobretudo, entre as mulheres, os operários e os profissionais técnicos e de enquadramento menos qualificados, e os residentes no Porto.

“É um bocado complicado, estamos a viver um grande período de transição. Portanto, e a informática é uma profissão de desgaste rápido e portanto aí estou numa área em que as coisas estão sempre a mudar. E é aquela preocupação, porque de facto um indivíduo precisa do trabalho para sobreviver e para manter a família e tudo isso...” (David Santos, 49 anos, director informática empresa, Porto)

Ora as mulheres, quando desempregadas ou a trabalhar a tempo parcial sentem falta do trabalho e do que dele decorre: *“Sinto falta do trabalho. (...) fazer o meu serviço como fazia, porque eu fazia o que mais ninguém lá dentro fazia”* (Estela Ferreira, 31 anos, operária fabril desempregada, Porto). As mulheres, mesmo as mães de filhos pequenos, querem trabalhar no exterior. O desemprego e o trabalho a tempo parcial têm, para estas mulheres, uma influência prática a nível familiar, visto que as levam a assumir a responsabilidade da realização das tarefas domésticas: *“Eu faço mais, mas também não trabalho. Ele trabalha e traz o dinheiro para casa, e eu faço as coisas da casa”* (Carla Sousa, 34 anos, empregada doméstica – desempregada, Lisboa).



A influência do trabalho na vida familiar é sentida pela generalidade dos entrevistados, existindo apenas uma minoria que refere conseguir separar trabalho da família, que, usualmente, não leva problemas para casa e que tem um horário que lhes permite conciliar ambas as esferas: *"O meu trabalho é uma frustração, não era isto que eu gostava de fazer mas não é por causa disso que vou andar chateada em casa. Não trago lá de fora os meus problemas cá para dentro"* (Sandra Portadas, 38 anos, porteira, Lisboa). Os horários de trabalho são um aspecto essencial no que se refere às influências que este tem na família. Embora sejam uma minoria, existem entrevistados que referem que o tipo de horário de trabalho (por exemplo, o trabalho por turnos ou a flexibilidade das horas de trabalho) efectuado é uma ajuda na articulação do trabalho com a família. Contudo, os homens confessam, frequentemente, que o tempo que passam no trabalho os impede de passar mais tempo em família e, especialmente, com os filhos: *"Influencia bastante. Neste momento, o trabalho que tenho exige-me bastantes deslocações. E, portanto, acaba por influenciar e perturbar o ritmo da família... tenho pouco tempo para dedicar à família."* (Martim Couto, 35 anos, sócio gerente empresa, Porto). Existem também mulheres, nomeadamente as profissionais técnicas e de enquadramento menos qualificadas, com mais de 10 anos de duração de casamento, que se queixam das horas de trabalho que têm que realizar, referindo mesmo que gostariam de diminuir as suas horas de trabalho, de modo a poderem conciliar mais facilmente trabalho e família: *"Influenciava, quer dizer tinha aquele horário que tinha que cumprir, não é? e depois o resto era para casa, e portanto... Claro que se fosse um horário mais pequeno era melhor porque às vezes sai-se às cinco e meia e não dá para nada"* (Angelina, 59 anos, administrativas alfândega, Porto).

Mas existem outros aspectos em que o trabalho influencia a vida familiar e/ou a família. Entre estes encontram-se a possibilidade de obter um rendimento, algo que é sublinhado pelos operários e profissionais técnicos e de enquadramento menos qualificados, traduzindo assim as responsabilidades que os indivíduos casados têm face à família: *"Costuma-se dizer, quando não há pão, todos ralham e ninguém tem razão. Portanto, se o trabalho não nos fornecer esse pão, a harmonia da casa deixa de existir"* (Ricardo Almeida, 43 anos, patrão pequena empresa de calçado, Porto). Outro dos factores valorizados é o das sociabilidades, especialmente entre os mais jovens, mas também entre mulheres mais qualificadas e com mais de 20 anos de duração de casamento de Lisboa. Ainda pela positiva, um outro aspecto a salientar é o do sentimento do trabalho como fonte de realização pessoal e de autonomia, o que é referido, sobretudo homens e mulheres mais qualificados; sendo que os operários mais velhos de Leiria demonstram uma forte identificação com o trabalho.

"Pronto, aí está, ter um ordenado é estar independente. [...] Tenho o meu ordenado, sou independente, posso fazer dele o que quiser e não, pronto. Acho que isso é muito importante, para não estar a pedir e pedir, não!" (Armanda Serra, 46 anos, empregada doméstica, Leiria)

Pela negativa, é ainda de destacar as preocupações que se levam para casa e que geram maiores desentendimentos no casal e menor paciência para a família, especialmente entre as mulheres mais qualificadas: *"Muitas das vezes venho do trabalho, quer a gente queira quer não, não consegue desligar totalmente. Trago preocupações de lá, venho cansada, e é óbvio que isso vai-se reflectir na vida familiar, não é?"* (Adriana Neves, 42 anos, enfermeira, Leiria).

Para finalizar, volta a salientar-se a importância do emprego na estruturação das identidades individual e colectiva. O trabalho é um meio de acesso a uma fonte de rendimento, mas também de integração e coesão social, de satisfação, realização pessoal e de sentimento de autonomia individual. A perda de um emprego implica para as mulheres uma perda de autonomia, material e subjectiva, a possibilidade de assimetria das relações de poder entre homens e mulheres e de fortalecimento do tradicionalismo das mesmas (Casaca, 2005). Assim, homens e mulheres são motivados pela esfera do trabalho. Mesmo para as mulheres casadas e com filhos "o trabalho é um valor em si mesmo, que vai para além da necessidade económica de haver dois rendimentos, tendendo a fazer parte de um modelo identitário feminino forte" (Torres et al, 2006). É neste âmbito que se compreende que as mulheres "investem ou querem investir nas duas frentes [trabalho e família]" (idem: p. 140). Contudo, a possibilidade destas poderem concretizar este desejo de



“duplo investimento no trabalho e na família depende de condições concretas e específicas que, variando de país para país, podem, nalguns casos criar dilemas e impor opções não desejadas” (idem).

Tarefas domésticas

Tal como tem sido constatado pelas diversas pesquisas que se debruçam sobre a divisão do trabalho e não pago (Perista, 1999; Torres et al, 2004, Singly, 2007; Amâncio, 2008), os resultados apontam para uma divisão assimétrica das tarefas domésticas. Há uma sobrecarga feminina; uma responsabilização por parte delas relativamente a este domínio. Em casa elas fazem sempre mais do que eles (tratar da roupa, limpar a casa, fazer almoço/jantar), sendo que a maioria trabalha fora de casa. Eles tendem a dar uma ajuda e a realizar mais tarefas no exterior da casa. As tarefas que eles, geralmente, fazem dizem respeito ao ajudar a lavar a loiça ou pôr a loiça a lavar, adiantar e/ou fazer as refeições, fazer grelhados, pôr a roupa na máquina, ajudar/fazer as limpezas, fazer obras, tratar do quintal e ou do jardim, dos carros, dos animais: *“Eu faço de tudo. Desde limpar o chão, lavar a casa de banho, arrumar a cozinha, lavar a loiça e assim...”* (João Martins, 33 anos, montador de ar condicionado, Porto). Os entrevistados referem também, frequentemente, que ajudam a tomar conta dos filhos: dar banho, ajudar a vestir, lavar/buscar à escola, deitar os filhos e/ou apoiá-los nos trabalhos de casa. Fica então claro que, apesar do aumento da participação dos homens no cuidado com os filhos, como tínhamos já mencionado anteriormente, os homens ficam encarregues de tarefas mais esporádicas ou ocasionais, como as pequenas reparações de equipamentos, enquanto as mulheres têm a seu cargo as tarefas mais rotineiras e regulares (Torres e Silva, 2008).

As mulheres mais qualificadas, tendem a ter uma empregada doméstica que as ajuda nas tarefas da casa, sobretudo a passar a ferro e a fazer as limpezas. Vimos como, nos casais tendencialmente mais tradicionais, sobretudo do Porto, a existência da empregada retirando peso à mulher, leva a um maior afastamento do homem em relação à casa, enquanto que nos casais mais igualitários, de Leiria e Lisboa, a empregada vem atenuar as tarefas que o casal tem que realizar, sendo que as restantes são divididas entre os dois. Deste modo, a empregada doméstica, embora tenha um papel fundamental no retirar de tarefas às mulheres, pode não levar a uma maior participação dos homens nas tarefas restantes, justificando antes a sua menor participação entre alguns casais: *“O apoio externo que temos é contratado, não temos apoios familiares. Talvez não seja cem por cento justo, ela trabalha mais do que eu [...]. Acho que eu me acomodo, devia ajudar mais.”* (Jorge Madeira, 42 anos, professor universitário, Lisboa).

Contudo, é notória a manutenção de uma forte incorporação dos papéis tradicionais, sobretudo entre os mais velhos e nos sectores operários: “é o dever da mulher”, elas preferem fazer; fazem “naturalmente”, melhor e mais depressa. Elas podem ainda assumir a responsabilidade pela assunção das tarefas domésticas, sentindo-se culpadas. Por sua vez, eles acomodam-se: “ela sabe desempenhar melhor”, é uma questão de educação ou de hábito.

“É muito bonito quando ele chega a casa e já está tudo prontinho, tudo arrumadinho. Eu é que trato de tudo... ele vem cansado do trabalho e não vai agora estar a fazer as coisas da casa. O direito é o meu. Na minha maneira de pensar, a mulher é que tem que fazer essas coisas.” (Amélia Costa, 51 anos, operária fabril, Lisboa)

“Eu sendo mulher preocupo-me mais com a manutenção da casa enquanto que ele não. A forma como fui educada, acho que é também a forma como foi educado e os objectivos de vida de cada um.” (Constança Couto, 33 anos, funcionária bancária, Porto)

Deste modo, homens e mulheres afirmam a sua identidade pessoal como completa. Sendo que a realização das tarefas domésticas fazem parte das actividades performativas de produção de género, algumas mulheres assumem a sua realização como forma de provar a sua identidade sexuada. De forma



semelhante, alguns homens podem rejeitar a realização de determinadas tarefas domésticas, em parte para evitar uma certa feminização da sua identidade (Singly, 2007).

A existência ou não de uma actividade profissional é um factor que influencia na divisão das tarefas domésticas. No caso das mulheres desempregadas há um “retorno” à casa, isto é, a falta de emprego leva as mulheres a assumirem as tarefas como suas, mesmo como forma de contribuição para a casa: *“Enquanto eu não estou a trabalhar faço eu. E ele faz ao fim-de-semana e descanso mais um bocadinho eu. Quando eu estou a trabalhar, dividimos sempre os dois.”* (Madalena, 27 anos, tomava conta de crianças, Lisboa). Mas não é apenas a questão do desemprego que leva as mulheres a assumirem a maior parte das tarefas. Quando ambos trabalham fora de casa, mas existe uma percepção que os homens trabalham mais, as mulheres assumem a realização das tarefas domésticas. Consideram que o cônjuge está cansado, já vem tarde, pelo que acabam por assumir essa responsabilidade: *“Tem a ver com o facto de eu ter uma actividade paralela. Se eu tivesse só o meu trabalho e ela só o trabalho dela, com certeza absoluta nós iríamos fazer mais partilha na gestão da casa.”* (Fernando Arroiteia, 35 anos, jornalista e teólogo, Leiria). No entanto, o facto das mulheres trabalharem fora de casa é motivo para que eles dêem uma ajudinha (maior ou menor), sobretudo com os filhos: *“Dividimos ao meio. Não sei se é isso que é justo mas... deve ser. Visto que ambos trabalhamos... e chegamos cansados a casa”* (João Martins, 33 anos, montador de ar condicionado, Porto).

O modo como as tarefas domésticas são realizadas entre o casal, geralmente, muda ao longo do tempo. Factores como a mudança de casa, a contratação ou o despedimento de uma empregada doméstica, a situação perante o trabalho dos indivíduos ou o nascimento dos filhos, geralmente implicam uma reorganização da divisão das tarefas domésticas no contexto do casal. A maior participação dos homens no domínio do trabalho não pago aquando do nascimento dos filhos é bastante exemplificativa dessas dinâmicas conjugais, no domínio das tarefas domésticas: *“No início ele pouco ou nada fazia. Depois do nascimento dos filhos ele teve que começar a ajudar mais.”* (Anabela Canhoto, 41 anos, empregada doméstica, Lisboa).

A percepção da justiça e do sentimento quanto à divisão das tarefas domésticas está profundamente relacionado com as práticas e as representações que os entrevistados têm neste domínio das suas vidas. Como refere Amâncio (2008) “as representações sobre os papéis sexuais e os valores que lhes estão associados assumem particular importância, na medida em que o grau de identificação com as normas que deles decorrem é determinante da capacidade de resistir ou não ao conflito gerado” (idem: p. 187). Acresce ainda que as funções da vida conjugal não se inscrevem apenas sobre um registo da igualdade (Singly, 2007). Há também uma procura do reconhecimento pessoal, que nem sempre é fácil de encontrar noutras esferas da vida. Assim, se existem justificações, para o modo como a divisão das tarefas domésticas é realizada, que fazem parte de uma concepção de igualdade, outras há que remetem para o reconhecimento do outro (idem). É ainda necessário ter em conta que a vivência em casal é um contexto muito específico, sendo um lugar de afectos (Torres, 2002), onde mais do que uma simples contabilização da realização das tarefas domésticas, há todo um conjunto de trocas simbólicas de contornos afectivos e sexuais que ganham outros significados. Assim, é possível compreender como situações que objectivamente possam parecer injustas, não sejam vividas como tal pelos membros do casal (idem).

Ora, entre os casais igualitários, tanto eles como elas, tendem a considerar a divisão das tarefas domésticas justas e a sentirem-se satisfeitos: *“Eu acho que está bem assim. Eu acho que para a idade dele não é muito normal fazer tudo o que faz em casa. Os amigos ficam admirados. Acho que está equilibrado.”* (Sónia Espadinha, 59 anos, professora, Lisboa). No entanto, também nos casais mais assimétricos (sobretudo nos operários) existe um sentimento de justiça e satisfação perante a divisão das tarefas domésticas, relacionada com a forte incorporação dos papéis sociais de género: *“Eu não me importo de as fazer. Eu não me importo, porque é uma coisa que eu gosto.”* (Graça Matias, 39 anos, empregada de supermercado – cortadora de carnes, Leiria). Entre os casais assimétricos atenuados (em que eles dão uma ajudinha) existem diversos sentimentos perante a divisão das tarefas domésticas: pode haver uma compreensão



porque consideram que eles trabalham mais horas do que eles; ambos podem considerar que a situação é injusta, mas estão conformados por uma questão de hábito ou de educação: *“Justa não é porque não há distribuição com ele, mas foi uma coisa que sempre foi assim e nunca me aborreceu o facto de eu ter que fazer as tarefas domésticas, porque antes de casar eu sabia que ele não o faria.”* (Susana Teixeira, 41 anos, técnica administrativa finanças, Porto), podendo, em alguns casos, sentir-se satisfeitos: *“Eu tento é ajudá-la para ela não estar sobrecarregada com os filhos. É uma ajuda.[...] Assim, a gente faz as coisas por dois, é mais rápido, temos mais tempo juntos.”* (Manuel Carvalho, 35 anos, operário, Leiria); um dos dois (especialmente elas), ou ambos, podem sentir a situação como injusta: *“Há alturas em que fico irritada porque ele dantes me ajudava e agora já não me ajuda ou nem se apercebe que há coisas para fazer”* (Raquel, 32 anos, professora do 1º ciclo, Lisboa).

Todavia, embora a maioria dos entrevistados nos dê conta da existência de desabafos, queixas ou críticas que são feitas, sobretudo, pelas mulheres, uma parte significativa dos nossos entrevistados nega a existência de conflitos a propósito das tarefas domésticas. Quando “reconhecem” a existência de conflitos, falam sobretudo em pequenos conflitos, especialmente, pelo facto delas estarem cansadas e de eles não participarem nas tarefas domésticas. Apenas uma pequena parte dos entrevistados assume a existência de conflitos. Mas, à medida que a idade avança, os conflitos podem ser encarados como normais e relativizados. Elas tendem a assumir, mais do que eles, a existência de alguns conflitos, ou pelo menos de desabafos e queixas. São as mulheres profissionais técnicas e de enquadramento menos qualificadas que mais parecem queixar-se desta dimensão das suas vidas, o que poderá dever-se a um maior desfasamento nas suas expectativas iniciais com a vivência da sua realidade actual.

“Às vezes refilo muito (risos). Também me encho de ser sempre eu a fazer a mesma coisa ou de eu arrumar e de eles desarrumarem [...] Eu isso fico furiosa, fico e refilo porque eu acho que não é justo uma pessoa andar um dia inteiro a por as coisas em ordem e se for preciso daí a um ou dois minutos, não é...?!” (Elisa Almeida, 38 anos, empregada escritório, desempregado, Porto)

Para a maior parte dos entrevistados é um gosto ter a casa limpa. Nota-se, no entanto, uma maior valorização deste aspecto entre as mulheres operárias, existindo uma menor preocupação por parte dos homens em geral e um menor empenhamento na manutenção da casa por parte de algumas mulheres mais qualificadas. Sendo maioritariamente consideradas como uma necessidade, alguns vêm-nas mesmo como uma obrigação ou um sacrifício. Mais frequente é a realização das tarefas domésticas ser alvo de um conjunto de sentimentos, como um sacrifício, uma obrigação, uma necessidade, e uma valorização.

No geral, as mulheres referem várias vezes que gostariam que o cônjuge participasse mais nas tarefas domésticas ou que ajudasse sem elas terem que pedir. Algumas mulheres com mais de 20 anos de duração de casamento dizem que punham os filhos a participar mais ou que lhes teriam ensinado a fazer as tarefas. Eles tendem a referir mais que elas que não mudariam nada na realização das tarefas domésticas. Ambos dizem que gostariam de ter uma empregada doméstica, ou quando já têm, que esta trabalhasse mais horas na sua casa.

“Se eu pudesse mudar? Mudava o meu marido fazer 50-50. Era ele assim, tirar o dia da folga quando eu e pensarmos assim, durante a manhã arrumamos pelos dois a casa, igual por igual, não é? E depois até íamos almoçar fora, ou até fazíamos o almoço pelos dois. Era 50-50, porque já viu? [...] Era fantástico, quer dizer, aquilo que eu posso fazer num dia inteiro, numa manhã era feito pelos dois, claro que era muito mais gratificante.” (Juliana Dias, 45 anos, empregada de balcão, Leiria)

Temos então uma presença do modelo assimétrico tradicional, sobretudo, entre os casais com maior duração de casamento, entre os casais do Porto e/ou entre os casais operários. O modelo assimétrico atenuado está presente em todas as regiões, sendo mais frequente entre os indivíduos mais qualificados de todas as gerações. Quanto aos casais que praticam um modelo mais igualitário, constituindo uma minoria entre os entrevistados, encontram-se entre os indivíduos mais jovens e qualificados de Lisboa, e em alguns casais mais qualificados com mais de 10 anos de duração de casamento, de Leiria e Lisboa.



5. Dos assimétrico aos igualitários, passando pelos intermediários: três modos de articulação trabalho/família

A partir dos dados obtidos com a realização das entrevistas em profundidade e após uma análise das várias dimensões, procurou-se construir um modelo de articulação do trabalho com a vida familiar que permitissem dar conta das representações e práticas dos entrevistados ao nível da conjugalidade, da parentalidade, do trabalho e das tarefas domésticas. Chegou-se assim a três modos de articulação entre trabalho e família: os tradicionais, os intermédios e os igualitários.

Os indivíduos e/ou casais mais tradicionais são uma minoria entre os entrevistados. Na sua quase totalidade têm mais de 10 anos de duração de casamento, encontram-se, sobretudo, entre os operários e os profissionais técnicos e de enquadramento com profissões mais desqualificadas dentro deste sector social (é de notar a existência de vários empresários e pequenos patrões), e entre os residentes no grande Porto, mas também entre alguns residentes de Leiria. Estes indivíduos e/ou casais vivem mais em sufoco, tendem a ter uma vivência da conjugalidade mais problemática, uma vivência da parentalidade mais autoritária, sendo considerado que uma pai exerce uma maior influência na educação dos filhos, através da imposição de regras, e uma divisão mais assimétrica das tarefas domésticas, em que a mulher se responsabiliza pela (quase) totalidade da sua realização, considerando, muitas vezes, que é este o seu dever. A maior parte das mulheres realiza uma actividade profissional paga, que tende a ser importante para a sua identidade pessoal e para a sua independência, contudo existem alguns casais que praticam uma divisão sexual do trabalho parsoniana, com o homem a trabalhar no exterior da casa e a mulher no seu interior.

Não sendo de estranhar, os intermédios constituem a grande maioria dos indivíduos e/ou dos casais entrevistados, englobando as diferentes classes sociais, idades e regiões. Estes indivíduos valorizam a conjugalidade, embora possam passar períodos mais ou menos sufocantes, e mais ou menos de amor (situando-se, geralmente, no meio deste continuum). São as mães quem, na maioria dos casos, tem a seu cargo a educação das crianças e a maioria das tarefas domésticas, o que as leva a ter uma maior sobrecarga de trabalho do que eles. Geralmente ambos os elementos do casal trabalham, embora elas possam estar desempregadas ou a trabalhar a tempo parcial, sendo que, nestes casos, deseja-se trabalhar a tempo inteiro. Eles dão uma “ajudinha” na realização das tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, especialmente quando elas se encontram empregadas.

Por fim, os igualitários, embora sejam também minoritários, tendem a ser mais do que os tradicionais. São constituídos, sobretudo, pelos indivíduos mais jovens, pelos mais qualificados e pelos residentes na região de Lisboa, mas também na região de Leiria. Entre estes casais tende a existir uma partilha na realização das tarefas domésticas, sendo que tende a existir o apoio da empregada doméstica para a realização de determinadas tarefas (como a limpeza da casa e o passar a ferro), e do cuidado com os filhos, onde tentam interferir ambos na sua educação. O trabalho é um aspecto importante tanto para homens como para mulheres, tentando-se apostar nas carreiras profissionais, embora as mães possam ter que abdicar mais da sua ascensão profissional – ficam em stand-by. Contudo, o empenho no trabalho, as horas realizadas, o cansaço e as preocupações que se levam para casa podem dificultar a articulação entre o trabalho e a família. Os indivíduos e/ou casais igualitários são os que mais dizem vivem em amor, no entanto, são também os que mais tendem a sentir as responsabilidades familiares, nomeadamente entre as mulheres.

6. Sintetizando

Ao longo da pesquisa tornou-se claro que, no contexto do casal, a mulher sente-se mais sobrecarregada do que o homem, tendo um maior sentimento de sufoco na conjugalidade uma maior responsabilidade na parentalidade, que é, essencialmente, maternalista, assumindo mais frequentemente a realização da quase



totalidade das tarefas domésticas, ao mesmo tempo que, na maioria dos casos, exerce uma actividade profissional remunerada.

Verificou-se também existir uma associação entre as representações e práticas referidas pelos indivíduos nas diversas dimensões de análise. Assim, por exemplo, os indivíduos e/ou casais mais relacionais na parentalidade são os que mais realizados se sentem com a relação conjugal que mantêm; por seu turno os mais autoritários são tendencialmente os que na conjugalidade vivem uma relação problemática.

Entre a totalidade dos entrevistados existe apenas uma minoria de defensores de uma divisão tradicional do trabalho, com o homem provedor de família e a mulher doméstica. Estes são, sobretudo, homens, com mais de 10 anos de duração de casamento, do Porto e de Leiria, operários ou profissionais técnicos e de enquadramento, com profissionais mais desqualificadas dentro deste sector social. Esta gestão da relação trabalho/família traduz-se numa vivência da parentalidade e da conjugalidade mais tradicional e problemática, respectivamente.

Pela negativa, é ainda de destacar as preocupações que se levam do trabalho para casa e que geram maiores desentendimentos no casal e menor paciência para a família, especialmente entre as mulheres mais qualificadas. As preocupações, o stress e o cansaço sentido por estas mulheres contribuem também para a existência de um maior sentimento de sufoco na vida conjugal. Por seu turno, um maior empenhamento no trabalho, quer por motivos de ascensão profissional, quer por motivos financeiros, implica, frequentemente, a necessidade de fazer horas extra, trabalhar aos fins-de-semana, fazer deslocações, entre outros, o que leva os indivíduos, nomeadamente os homens, a estarem menos disponíveis para a família.

Para finalizar, volta a salientar-se a importância do emprego na estruturação das identidades individual e colectiva. O trabalho é um meio de acesso a uma fonte de rendimento, mas também de integração e coesão social, de satisfação, realização pessoal e de sentimento de autonomia individual. A perda de um emprego implica para as mulheres uma perda de autonomia, material e subjectiva, a possibilidade de assimetria das relações de poder entre homens e mulheres e de fortalecimento do tradicionalismo das mesmas (Casaca, 2005), o que é visível nas relações conjugais mais problemáticas em casais com mulheres domésticas.

De referir apenas que, conjuntamente com percepções mais atenuadas da vida em casal, os homens tendencialmente também referem menos reconstruções identitárias com o casamento, talvez por o seu processo identitário ser mais independente da família e mais dependente do campo profissional (Giddens, 1993), enquanto que no caso da mulher a sua construção identitária e o seu percurso pessoal é marcadamente definido pela sua trajetória familiar (Singly, 1987, 1993, 1996, 2000; Giddens, 1993).

7. Bibliografia

ABOIM, Sofia, 'As orientações normativas da conjugalidade' in WALL, Karin (org.) (2005), *Famílias em Portugal – Percursos, interacções, redes sociais*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 169-229

ALMEIDA, A. N. (2003) "Família, conjugalidade e procriação: valores e papéis" in Jorge Vala, Manuel V. Cabral e Alice Ramos (Org.) *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, ICS, Lisboa

AMÂNCIO, Lúcia (2007) "Género e divisão do trabalho doméstico – o caso português em perspectiva", in Wall, Karin e Lúcia Amâncio (orgs.) *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, ICS

ANDRÉ, Isabel; Feio, Paulo (2000) "Development and equality between women and men in the portuguese labour market" in *Gender inequalities in southern Europe: Women, Work and Welfare in the 1990's*, Frank Cass, London



- BECK, Ulrich and Elizabeth Beck-Gernsheim (1995) *The normal Chaos of Love*, Cambridge, Polity press
- BECK, Ulrich, Anthony Giddens e Scott Lash (2000), *Modernização reflexiva*, Oeiras, Celta
- CASACA, Sara Falcão (2005) "Flexibilidade, emprego e relações de género. A situação de Portugal no contexto da União Europeia" in Kovács, Ilona (org) *Flexibilidade de Emprego*, Oeiras, Celta Editora, pp. 55 - 89
- CASTELAIN-MEUNIER, Christine (2002) "The place of fatherhood and the parental role: tensions, ambivalence and contradictions", *Current Sociology*, Vol. 50(2): 185-201, Sage publications, London, Thousand Oaks, CA and New Delhi
- CROMPTON, Rosemary (2006) *Employment and the Family. The Reconfiguration of Work and Family Life in contemporary Societies*, Cambridge, Cambridge University Press
- CUNHA, Vanessa (2007) *O lugar dos filhos. Ideais, práticas e significados*, ICS, Lisboa
- GIDDENS, Anthony (1993), *The transformation of intimacy. Sexuality, love & eroticism in modern societies*, Cambridge, Polity Press
- KAUFMAN, Jean Claude (1993) *Sociologie du Couple; Que je sais?* Collections; Presses Universitaires de France; Paris
- KÓVACKS, Ilona (2002) *As Metamorfoses do Emprego: Ilusões e Problemas da Sociedade da Informação*, Celta editora, Oeiras
- PERISTA, Heloísa (1999) *Os Usos do Tempo e o Valor do Trabalho. Uma Questão de Género*; Lisboa; CESIS
- SILVA, Manuel Carvalho da (2007) *Trabalho e sindicalismo em tempo de globalização: reflexões e propostas*, Círculo de Leitores/Temas e Debates, Mafra
- SINGLY, François de (1987), *Fortune et infortune de la femme mariée. Sociologie de la vie conjugale*, Paris, PUF
- SINGLY, François de (1993), *Sociologie de la famille contemporaine*, Paris, Nathan
- SINGLY, F. (1996) *Le Soi, Le Couple et la Famille*, Paris, Nathan
- SINGLY, François de, 'O nascimento do "indivíduo individualizado" e seus efeitos na vida conjugal e familiar' in PEIXOTO, Singly e Cicchelli (org.) (2000), *Família e individualização*, Rio de Janeiro, FGV Editora
- SINGLY, François de (org.) (2007) *L'injustice ménagère*, Armand Colin
- THÉRY, Irène (1998) *Couple, Filiation Et Parenté Aujourd'Hui. Le Droit Face Aux Mutations De La Famille Et De La Vie Privée*, Editions Odile Jacob, Paris
- TORRES, Anália Cardoso, et al. (1998), *Políticas Sociais, Soluções Socioeducativas e de Guarda das Crianças da Grande Lisboa*, Relatório Final, Lisboa, CIES/ISCTE
- TORRES, Anália Cardoso (2000) *Trajectórias, Dinâmicas e Formas de Conjugalidade: assimetrias sociais e de género no casamento*; ISCTE; Lisboa, a)
- TORRES, Anália Cardoso, 'A individualização no feminino, o casamento e o amor' in PEIXOTO, Singly e Cicchelli (org.) (2000), *Família e individualização*, Rio de Janeiro, FGV Editora, b)
- TORRES, Anália Cardoso (2002) *Casamento em Portugal: uma análise sociológica*; Celta Editora; Oeiras
- TORRES, Anália Cardoso (2004) *Vida Conjugal e Trabalho*; Oeiras Celta Editora
- TORRES, Anália e Ana Mocuixe Moura (2004) *Ideais Simétricos e Práticas Desiguais: Conjugalidades em Lisboa e no Porto*, comunicação apresentada no V Congresso de Sociologia, realizado em Braga, de 12 a 15 de Maio de 2004 (12 p.)



TORRES, Anália Cardoso, Francisco Vieira da Silva, Teresa Líbano Monteiro, Miguel Cabrita (2004) *Homens e Mulheres entre Família e Trabalho*, Lisboa, CITE, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, Ministério do Trabalho e da Segurança Social (257 p.)

TORRES, Anália (2006) "Work and family in Portugal", in Giovanna Rossi (ed.) *Reconciling Family and Work: new challenge for social policies in Europe*, pp. 9-36

TORRES, Anália; Mendes, Rita; Lapa, Tiago (2006) "Família na Europa" in Jorge Vala e Anália Torres (org.), *Atitudes Sociais dos Portugueses 6. Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, ICS, Lisboa

WALL, Glenda; Arnold, Stephanie (2007) "How involved is involved fathering? An exploration of the contemporary culture of fatherhood", *Gender & Society*, Vol. 21, N.º 4, pp. 508-527